

## A ESPECIFICIDADE DA MEDIAÇÃO FAMILIAR NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: GESTÃO DO TEMPO, RECURSOS E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

Viviane Sulpino da Silva Sabino <sup>1</sup>

Raquel Sulpino Sabino <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo trás recortes de um estudo de caso ocorrido numa turma de 1º ano do ensino fundamental, de uma escola pública no município de Campina Grande, Paraíba. Estudamos o conceito de mediação e a abordagem sócia histórica em Vygotsky (1998), para compreender a influência/importância dos familiares leitores na interação do conteúdo veiculado pela escola nesse período de alfabetização da criança, por não conduzirem de forma autônoma o processo para aprendizagem da leitura e escrita no ensino remoto. A problemática envolveu a dificuldade dos familiares em fazer a transposição didática das estratégias para leitura e escrita veiculadas pela professora por meio das ferramentas tecnológicas, plataformas e aplicativos disponíveis (*whatsapp e google classroom*). A herança cultural referente à maneira como esses familiares aprenderam a ler e escrever influenciou fortemente a forma como ensinavam as crianças, utilizando a técnica da soletração. Mediante essa constatação através de um estudo de caso e posterior realização de pesquisa ação com caráter qualitativo, baseando-se nos autores Triviños (1987) e Grundy (1982) respectivamente, refletiu-se a melhor forma de interagir com esses familiares, orientando-os a mediar da maneira mais eficaz e adequada as atividades para aquisição das habilidades básicas de ler e escrever.

**Palavras-chave:** Mediação, Ensino remoto, Processo de alfabetização.

### INTRODUÇÃO

Neste período de ensino remoto vivemos experiências únicas em todas as áreas da nossa vida, inclusive na educação. Tivemos que nos adaptar as salas de aulas virtuais, a utilizar recursos digitais e a educação iniciou um processo de modernização para muitos docentes, desconhecido. Modernização essa que em outros setores já está em fases mais avançadas. As famílias também tiveram que se adaptar a esse novo modelo de escola, sendo mediadores não apenas das atividades de casa, mas também de “sala de aula”, dessa vez virtual.

---

<sup>1</sup>Professora da rede municipal de Campina Grande, PB, [viviane-sulpino@hotmail.com](mailto:viviane-sulpino@hotmail.com)

<sup>2</sup>Graduanda do Curso de Administração da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, [raquelsulpino14@gmail.com](mailto:raquelsulpino14@gmail.com);

A pandemia remodelou o método de ensino das escolas brasileiras, transformou casas em escolas, pais em “docentes”. Levando todos a serem inseridos no ensino remoto emergencial. Segundo a professora Behar (2020), foi preciso pensar em atividades pedagógicas mediadas pelo uso da internet, pontuais e aplicadas em função das restrições impostas pela covid-19 para minimizar os impactos na aprendizagem, advindos pela ausência do ensino presencial.

Além da nova forma de criar conteúdo educacional, é preciso conhecer os fatores que influenciam no melhor aproveitamento das aulas por parte dos alunos, a saber: disposição de aparelhos eletrônicos com internet; ambiente destinado para estudo; definição de horário exclusivo para o acompanhamento das aulas; manter-se longe de distrações no ambiente doméstico e cooperação dos familiares. Ademais, quando pensamos nas especificidades que as crianças do fundamental 1 estão inseridas, uma vez que é nesse período em que estão sendo apresentadas a conhecimentos diversos, principalmente nessa fase de alfabetização, é que refletimos sobre o papel da família na mediação do processo ensino aprendizagem.

O sistema educacional teve que se reinventar e as famílias também, pois de uma hora pra outra tiveram que assumir, quase que em tempo integral (no caso de crianças na faixa etária *inicial* da alfabetização) a função de mediadores/ professores.

As crianças em fase de alfabetização dependem em sua maioria de mediadores familiares para acessar as formas virtuais que são oferecidas para seu processo de alfabetização. Quanto menor a criança, maior deve ser a aproximação para mediação das atividades, mesmo exercitando a autonomia requerida desde a mais tenra idade.

Contamos de forma substancial com o auxílio familiar para o processo de alfabetização das turmas menores e é essa relação mediadora que será objeto do nosso estudo. Para Masetto (2000, P.144-145) a mediação pedagógica é a atitude do professor que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, para que ela ocorra de forma ativa, para que os objetivos de aprendizagem sejam alcançados.

Mesmo assim, não é qualquer tipo de mediação que auxilia no processo de alfabetização, principalmente se vier contra a metodologia utilizada pelo professor e não tiver continuidade e sistematização. Diferentes habilidades cognitivas, fonológicas precisam ser estimuladas/desenvolvidas para que haja aprendizado.

Para Vygotsky (1998) “Esses processos cognitivos se amparam na categoria mediação, enquanto sujeito do conhecimento o homem não tem acesso direto aos

objetos, mas acesso mediado, através de recortes do real, operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe, portanto enfatiza a construção do conhecimento como uma interação mediada por várias relações”. Essas relações, no caso específico devem ser pautadas em saberes específicos da aprendizagem da lecto escritura, para que uma criança seja alfabetizada.

Destacamos ainda o conceito da zona de desenvolvimento proximal em Vygotsky (1998), etapa de desenvolvimento pela qual a criança passa no processo de aquisição do conhecimento e que serve para indicar o nível de desenvolvimento real em que se deve intervir para que a criança avance e alcance o conhecimento potencial. Esse nível de intervenção qualitativa para que a aprendizagem ocorra, é o foco do nosso trabalho. Intenta-se, através do estudo de caso da referida turma e a pesquisa ação para modificar a situação encontrada, melhorar qualitativamente o nível e a frequência das intervenções didático pedagógicas mediadas pelos pais, para que o processo de alfabetização ocorra. Esse artigo trata-se de um recorte por não dar conta de todos os eixos de linguagem necessários para um ser humano alfabetizar-se. Focaremos então na aquisição da leitura inicial.

Nossa pesquisa trata-se de uma pesquisa ação, categorizada como *pesquisa ação política*, pois de acordo com Grundy (1982), ao passo que investigamos a situação, vivenciamos e influenciemos seus resultados com o trabalho realizado.

## **METODOLOGIA**

Para efetivar a pesquisa em andamento, foram realizadas observações numa turma do 1º ano de uma escola pública municipal da Paraíba. Essa turma contém 21 alunos na faixa etária entre 5 a 7 anos. Realizou-se na turma um estudo de caso e posteriormente a partir dos resultados preliminares encontrados objetivou-se intervir na realidade, com vistas a melhorar o processo de alfabetização dos alunos. Essa turma participou das aulas remotas através do uso da plataforma do *google classroom*, grupo de *whatsapp* da turma, atividades impressas, aulas síncronas via *google meet*. Observadas as formas de participação no ensino remoto, a *pesquisa ação política* foi a próxima técnica metodológica utilizada. Os sujeitos da pesquisa passaram a ser então os familiares leitores que acompanhavam as atividades escolares no ensino remoto.

O estudo de caso realizado nessa turma teve como instrumentos de coleta de dados utilizados: a observação participante realizada por este pesquisador, a entrevista via formulário (*google forms*) com familiares; a observação criteriosa das devolutivas de atividades referentes aos eixos de língua portuguesa de forma impressa e nas aulas online; foram feitos vídeos com auxílio de aplicativos para captura de tela (*AZscreen*), e/ou vídeos com a câmera do celular, objetivando orientar os pais a interagirem nas plataformas de aprendizagem e a utilizarem ferramentas, a exemplo dos jogos digitais, que seriam necessários para motivar a aprendizagem no ensino remoto.

Segundo Triviños (1987, p. 133, grifo do autor), o Estudo de Caso "é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma *unidade* que se analisa aprofundadamente". Esta unidade deve ser parte de um todo e ter realce, isto é, ser significativa e por isso permitir fundamentar um julgamento ou propor uma intervenção. Para o referido autor, o estudo de caso pode ter como objeto de estudo uma comunidade, história de vida ou uma pessoa e que a situação a ser estudada não deve ser isolada do seu contexto. O estudo deve considerar além do contexto os processos envolvidos no fenômeno estudado

Consideraram-se as influências sócio históricas na forma como os familiares daquelas crianças aprenderam a ler e escrever. Concorde-se com o autor quando este aponta o estudo de caso como possivelmente o mais relevante dos tipos de pesquisa qualitativa.

A respeito da *pesquisa ação política*, o autor escolhido para subsidiar esse estudo diz que:

“a *pesquisa ação política* é aquela em que há mudança da cultura institucional e/ou de suas limitações. Quando se começa tentar mudar ou analisar as limitações dessa cultura sobre a ação, é preciso engajar-se na política, porque isso significa trabalhar com ou contra outros para mudar “o sistema”. GRUNDY (1982).

Fazendo uma analogia ao conceito de pesquisa citado acima “a mudança da cultura institucional” requerida seria ajudar os pais a orientarem melhor seus filhos em casa a respeito do processo de alfabetização. A “limitação” seria a forma como as famílias foram alfabetizadas e o método que conhecem, e muitas vezes não é o melhor a ser utilizado no momento com seus filhos, por irem de encontro à metodologia utilizada pela professora; “engajar-se na política” é procurar meios de interagir com as famílias para que haja a mudança necessária e se conseguir alfabetizar as crianças uma vez que

os pais são os mediadores mais diretos desse processo. Trabalhando assim de forma parceira para mudar “o sistema” referindo-se ao processo de ensino aprendizagem, o objetivo da pesquisa seria alcançado. Ainda de acordo com (GRUNDY; KEMMIS, 1982), ao fazer a escolha das estratégias de ação planejadas, estas serão implementadas e a seguir, sistematicamente submetidas à observação, reflexão e mudança: a tríade da pesquisa ação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ensino remoto emergencial constituiu-se na alternativa possível para que os alunos não perdessem o vínculo com a escola, e nem ficassem sem estudar. Mas, o modelo desse ensino mais utilizado requer autonomia, ou seja, não precisar, pelo menos diretamente, da presença física do professor para realizar a mediação entre o discente e o conteúdo a ser aprendido. Percebe-se que essa não é uma característica de estudantes do fundamental 1, composto por crianças que ainda não criaram métodos próprios de estudo e tampouco desenvolveram essa maturidade.

Nesse contexto, Behar (2020) “relata que a presença física do professor e do aluno no espaço da sala de aula presencial é “substituída” por uma presença digital numa aula online”. E no caso das crianças em fase de alfabetização a presença digital do professor em casa, quando das aulas assíncronas, se dá pela figura do mediador familiar.

Essa é a forma como se projeta a presença por meio da tecnologia. Contudo, não é possível realizar essa substituição quando o aluno não pode apresentar o essencial, a presença digital – sendo essa uma realidade constante na vida de muitos estudantes de escolas públicas. É comum que nessas famílias apenas os pais possam ter celulares ou outros dispositivos com internet, e não possam disponibilizar esses aparelhos para os filhos pois o horário das aulas é o mesmo que o do trabalho, ou ainda que apenas um filho possa assistir aula, e nesses casos privilegiam-se os mais velhos. Esse é um dos empecilhos para que haja a mediação na aprendizagem.

Em casa apresentam-se inúmeros fatores que dificultam essa participação: ruídos de fundo que nada tem a ver com o contexto escolar (aparelhos eletro eletrônicos ligados, barulho de animais, irmãos menores, etc.); além de pais trabalhando que não podem mediar as atividades, e ainda temos situações de familiares que relatam não ter

paciência de ensinar ou simplesmente não acreditam que haja aprendizagem com aulas remotas. Por conta desses fatores, muitos alunos evadiram da escola.

Quanto maior a dependência do estudante para acessar aulas e realizar atividades, mais os parentes se envolvem na relação aluno/conhecimento. Assim, os pais têm a oportunidade de conhecer os professores e valorizar suas habilidades em desenvolver materiais específicos para superar as dificuldades de cada aluno. Já a realidade dos professores pode ser analisada em dois aspectos: conhecer o ambiente disponível no qual o aluno pode estudar e, desse modo, desenvolver atividades e outras estratégias que possam ser realizadas como tal; e compreender a limitação dos pais enquanto mediadores, uma vez que eles nunca tiveram a necessidade de se envolver tão diretamente no processo e não são preparados para saber lidar com a especificidade didático pedagógica no ensino da alfabetização.

A falta de conhecimento específico para alfabetizar foi observado nesse processo. Mediação em termos genéricos é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento (OLIVEIRA, 2002, p. 26). No caso do ensino remoto, a relação direta com o processo de ensino aprendizagem seria feita entre o mediador e o aluno.

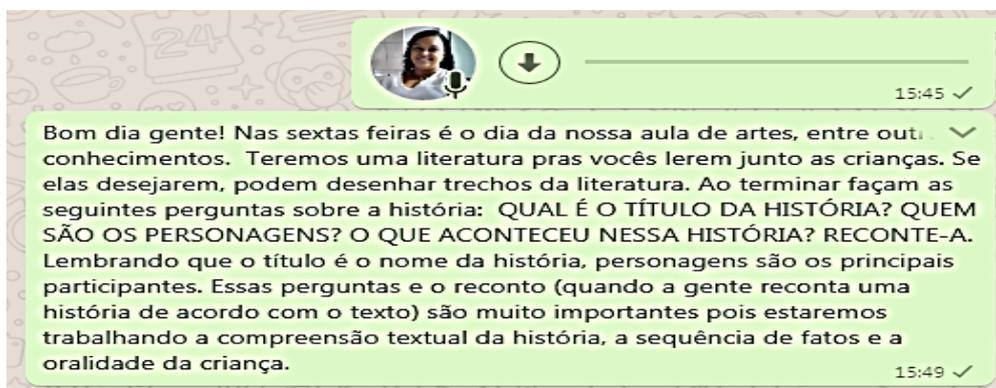
Nesse contexto entra a figura do mediador, que são os familiares leitores, e é aí que esse papel, extremamente importante, por vezes se torna problemático, de acordo com o que podemos observar nesse estudo. Observa-se ainda que na ânsia de alfabetizar os filhos, os pais reproduzem os métodos utilizados quando foram alfabetizados e que muitas vezes vai de encontro com a forma como o professor está conduzindo esse processo. Sabemos que os pais não tem obrigação de serem especialistas nas ações de alfabetizar e letrar, mas poderiam seguir as orientações dadas nas aulas.

No entanto, observou-se na turma em questão que eles fogem dessas orientações se abstendo de observar as estratégias propostas nas aulas e que deveriam ser utilizadas antes de iniciar as atividades, constituindo-se fundamentais para a aquisição do aprendizado (ver os vídeos explicativos/ditáticos/conceituais, ouvir os podcasts, fazer os exercícios psicomotores requeridos, ver e analisar imagens, participar dos jogos online, fazer recortes de encartes que contem silabários, letras, recursos pedagógicos diversos que auxiliariam na aquisição dos conhecimentos linguísticos). Acham que essa etapa introdutória às atividades são desnecessárias, perda de tempo e vão direto pra execução

das tarefas utilizando para isso “suas próprias estratégias para ensinar” e tornando o processo reducionista.

No caso da alfabetização, focam no método silábico, com ênfase na soletração, pois é o que conhecem. Percebemos numa amostra significativa de casos, que essa ação estava prejudicando a alfabetização de algumas crianças da turma. Quanto às ações de letramento, analisando de forma análoga a ideia de pensar serem desnecessárias determinadas estratégias motivadoras e que subsidiam a aprendizagem, estas também sofrem alterações. Veja-se o exemplo seguinte: a habilidade de letramento referente à compreensão textual. Na turma observada, foi necessário “orientar os pais” a respeito do trabalho com literatura e a aquisição da habilidade de compreensão textual, para obtermos os objetivos de aprendizagem desejados:

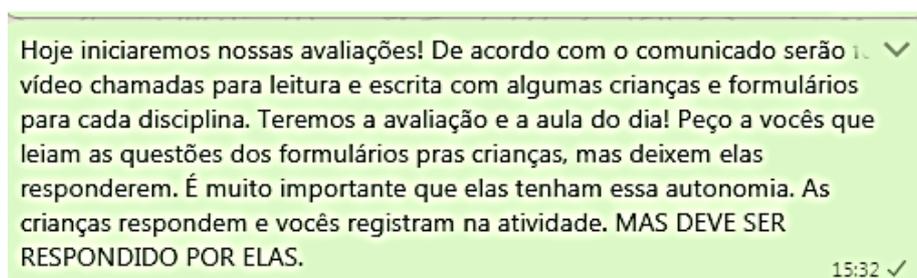
**Figura 1-** Orientações aos pais para o trabalho com o livro de literatura e o com reconto oral



Fonte: Acervo pessoal da professora, mensagem via whatsapp.

Outro exemplo de orientação aos pais de como se deve trabalhar com as ferramentas que dispomos no ensino remoto, refere-se ao uso dos formulários.

**Figura 2-** Orientações para os pais a respeito do trabalho com formulários



Fonte: Acervo pessoal da professora, mensagem via whatsapp.

Além das questões de aprendizagem, a condução comportamental de alguns pais e a ansiedade pela aprendizagem da criança, geram no aluno atitudes semelhantes de impaciência e ansiedade, podendo levá-los a acharem-se incapazes de aprender.

Percebemos nas vídeo chamadas a urgência que os familiares demonstram com relação ao mostrar que a criança sabe o que “eles ensinaram”. Resultados maquiados são frequentemente mostrados: ditados feitos de forma online, apagados e reeditados antes de serem reenviados aos professores; podcast com leitura de palavras memorizadas; formulários feitos exclusivamente pelos adultos, assim como algumas atividades impressas respondidas sem a participação das crianças; os familiares falam as crianças o tempo todo o que devem fazer, leem por eles sem terem a temperança e paciência necessárias ao processo de internalização e processamento dos conteúdos para gerar aprendizagem. Não respeitam o processo maturacional da criança.

A família compõe uma unidade emocional, na qual os pais são muitos importantes e servem de modelos para as crianças, porque elas assimilam o que lhes for oferecido e, conseqüentemente, irão agir de determinada maneira e com atitudes que poderão ser igual a de seus pais. [...] (FERRARI, 2004, p.28)

Para Vygotsky (1998) a capacidade da criança realizar tarefas sozinha representa o nível de desenvolvimento real, resultado de processos maduros. Neste nível, a criança já tem consolidado o conhecimento. Já o nível de desenvolvimento potencial, significa o conhecimento que está por vir, aquele que pode se tornar real, e que foi detectado na zona de desenvolvimento proximal. Representa o conhecimento que pode ser alcançado com a ajuda do outro, de um colega, pais, professores, ou mesmo, por qualquer objeto sócio cultural.

Como os pais não tem esse conhecimento pedagógico científico específico, eles fazem a mediação das atividades (quando o fazem) do jeito que sabem, atropelando o processo de maturação. Não respeitam as orientações postas pelo professor no ambiente de aprendizagem, “queimando” as etapas das aulas, sem seguir todas as etapas necessárias, planejadas pelo professor para aquisição de determinados conhecimentos, a aprendizagem fica comprometida.

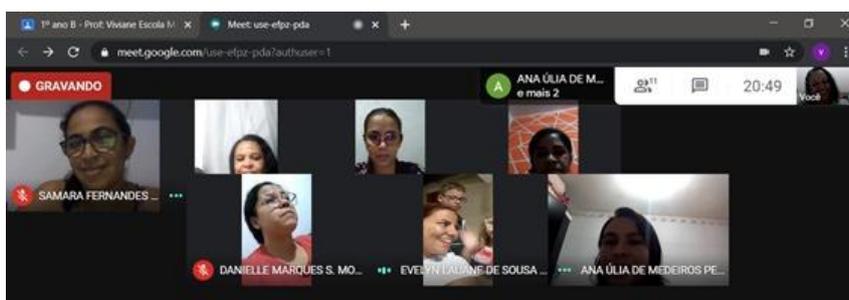
Com relação aos aspectos metodológicos utilizados nas aulas, considera-se a readaptação dos recursos, instrumentos e ferramentas didáticas disponíveis, aliada a uma concepção de alfabetização pautada nas ações de letrar e alfabetizar.

Ao se perceber que a parceria dos pais se tornaria mais oportuna e produtora, valendo-se da comunicação mais direta e eficaz direcionada a condução do processo de mediação, a relembrar conceitos antes das atividades, investiu-se na interação família-escola, direcionada a dicas de como ensinar de forma mais adequada as atividades,

utilizar produtivamente os recursos digitais e auxiliar na realização das tarefas. Foi necessário “ensinar os familiares a ensinarem”.

Para tanto, inicialmente realizou-se pesquisas junto aos pais com relação à condução do ensino remoto na referida turma, via *google forms*. Após coleta de dados a professora procurou rever e modificar etapas/momentos da aula com o intuito de torná-la mais produtivas e mais clara/simples de ser mediada pelos pais/familiares.

**Figura 3** – Print da tela referente a reunião de pais

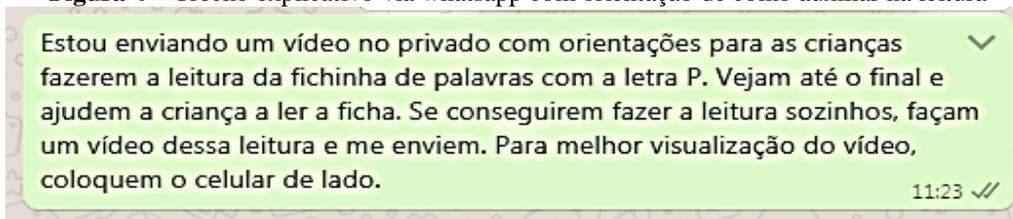


Fonte: Acervo pessoal da professora (print demonstrativo da participação dos pais na primeira reunião online feita através do aplicativo *google meet*).

Uma síntese das respostas dadas a respeito da maior dificuldade em auxiliar os filhos relacionou-se a falta de paciência, tempo, preparação pedagógica, distração dos alunos em casa, falta de concentração e acham que os alunos aprendem melhor na escola.

A partir das respostas obtidas nos instrumentos de coletas de dados decidiu-se readaptar a metodologia, informar melhor os pais sobre o processo de alfabetização e estratégias que auxiliariam esse processo e poderia ser mediadas por eles.

**Figura 4** – Trecho explicativo via whatsapp com orientação de como auxiliar na leitura

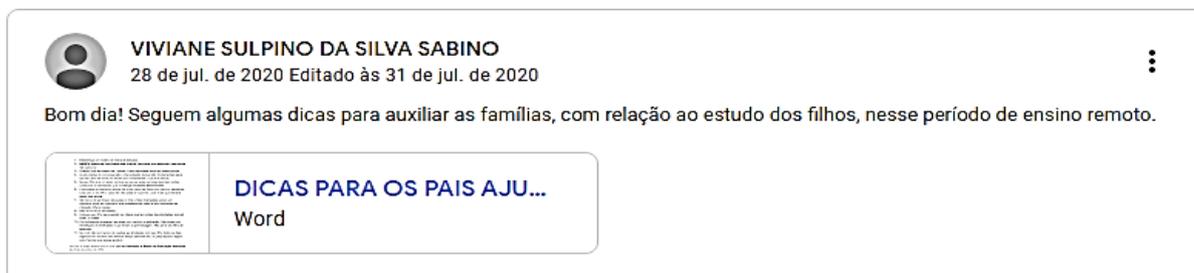


Fonte: Acervo pessoal da professora (trechos contendo mensagens enviadas aos pais pelo grupo de whatsapp da turma).

Nesse estudo percebemos ainda que a sistematização e participação constante nas aulas remotas gerou aprendizagem de forma evidente em detrimento as crianças que participavam esporadicamente das aulas. A comunicação com os familiares acontecia de forma reiterada. Eram enviadas mensagens motivadoras estimulando a participação;

informativo com dicas para auxiliar melhor os filhos nas tarefas; especificamente na área de linguagem. Fazê-los “aprender a ensinar” mediando esse processo de forma mais produtiva e substancial.

**Figura 5-** Informativo direcionado aos pais, via sala do google classroom



Fonte: Acervo pessoal da professora (trechos contendo dicas de como auxiliar as crianças nas atividades remotas, enviadas aos pais pela sala de aula virtual do *google classroom*).

Vejamos a seguir algumas dessas dicas: “Dicas para os pais ajudarem os filhos nesse período de ensino remoto: [...] NUNCA responda a atividade pela criança; Leia para que responda, caso ainda não saiba ler; Quando tiver atividade oral, realize. Essa habilidade deve ser desenvolvida; As atividades de compreensão e interpretação textual são fundamentais para que seu filho se torne um adulto que compreende o que lê e escuta; Leia para o seu filho, caso ele não saiba ler sozinho, pois é daí que ele terá gosto pela leitura; Coloque seu filho para assistir os vídeos que tem antes das atividades, pois ali estão as aulas. [...]”

Mais uma vez percebe-se, através dos estudos em Vygotsky (1998), que a interação social exerce um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, uma vez que ele parte do princípio de que o desenvolvimento das formas superiores do comportamento (pensar, relacionar, analisar, comparar, etc.) pressupõe o aprendizado, que essencialmente interfere na zona de desenvolvimento proximal, ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar quando o sujeito interage com outros em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. E esse “outro” (familiar mediador) para ser capaz de desenvolver através da interação produtiva e intencional o potencial de aprendizagem, dever estar minimamente informado das estratégias e formas de mediar que surtirão efeito em casos, pelo menos generalizados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um caminho de resiliência, persistência e muita comunicação familiar foi trilhado para que o processo de aprendizagem acontecesse e com essa experiência pudéssemos de maneira análoga ajudar outros docentes com os resultados descobertos. Fazer acompanhamento dos alunos através de vídeo chamadas, analisar dados coletados, identificar o fator cultural da família na forma de auxiliar as crianças na aprendizagem da leitura e escrita e perceber que esses educadores familiares precisavam também de auxílio para poder ajudar os filhos nesse processo foi fundamental.

A atitude observacional do professor pesquisador, a base teórica nas metodologias de alfabetização e os conceitos de mediação ajudaram o docente a procurar alternativas através da evidência científica para alfabetizar sua turma “mesmo” no período remoto, alcançando boa porcentagem de sucesso. O conhecimento mesmo que incipiente de ferramentas e plataformas digitais foi fundamental para que esse processo de ensino aprendizagem aconteça e os recursos digitais auxiliem também as famílias.

Sabe-se que a mediação familiar nesse processo é fundamental pela pouca idade, maturidade e falta de autonomia das crianças para uso de ferramentas digitais com objetivo pedagógico. Muitos pais com o intuito de ajudar seus filhos a aprenderem acabam criando ou repassando métodos por eles conhecidos, o que muitas vezes vai de encontro com as propostas metodológicas da escola. Isso deve ser um alerta, pois os pais acabam ensinando como foram ensinados e esse reflexo pode tornar-se empecilho para o desenvolvimento do aluno. Quando as situações de aprendizagem são organizadas de forma adequada e motivam o desenvolvimento do aspecto cognitivo da criança, põem-se em movimento vários processos mentais que auxiliam o discente a passar da zona real para a potencial de conhecimento.

Esse fato foi observado no decorrer das interações com as famílias e o acompanhamento das devolutivas. Quando os familiares leitores começaram a aceitar e acatar algumas orientações pedagógicas direcionadas ao processo de alfabetização houve mudanças produtivas. Espera-se que todas as experiências positivas, adquiridas nesse período de ensino remoto só corroboram com a constatação do quão é importante

a parceria família escola e como torna-se fundamental a mediação dos familiares leitores nesse processo de alfabetização.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Susan C. P. **Alfabetização e letramento no ensino remoto emergencial: limites e possibilidades.** Disponível em <[https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/13830/Versao\\_final\\_pos\\_banca.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/13830/Versao_final_pos_banca.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acesso em 21 de julho de 2021.

BEHAR P. Alejandra.” **Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância.** <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/> ). Acesso em 30 de maio de 2021.

FERRARI, Débora Pineda. **O resgate.** Revista Construir Notícias – nº 17, ano 3, jul/ago 2004.

GRUNDY, S. J. **Three modes of action research.** Curriculum Perspectives, Curriculum Perspectives Geelong, v. 2, n. 3, p. 23-34, 1982.

MASETTO, Marcos T. **Mediação Pedagógica e o uso da tecnologia.** In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T; BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas, SP: Papirus. 2000, p. 133-173.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky: **Aprendizado e desenvolvimento - um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione. 5ª ed. 2010.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica.** Universidade de Murdoch. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQyyq5bV4TCL9NSH/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 20 de julho de 2021.

TRIVIÑOS, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação.* São Paulo, SP: Atlas.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998 a. 191 p.

VYGOTSKY, Leontiev, Luria. - **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** SP, Icone, 1988.